

ISSN: 1641-4713; e-ISSN: 2081-1160

DOI: <https://doi.org/10.36551/2081-1160.2024.34.107-126>

Análise arquetípica das imagens técnicas na transposição do Velho Chico

An archetypal analysis of technical images in the transposition of the Velho Chico

Zulenilton Sobreira Leal

Universidade do Estado da Bahia

Juazeiro-Bahia- Brasil

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-7095-4462>

E-mail: niltonredacao@gmail.com

Juracy Marques dos Santos

Universidade do Estado da Bahia

Juazeiro-Bahia- Brasil

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-2020-1785>

E-mail: juracymarquespschy@gmail.com

Geam Karlo

Universidade de Pernambuco

Garanhuns, Brasil

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-9569-1497>

E-mail: geam.k@upe.br

Recepção: 11.11.2024

Aprovação: 29.11.2024



Resumo: As imagens captadas por câmeras e dispositivos midiáticos vão além de simples registros técnicos, refletindo um imaginário coletivo influenciado por fatores políticos, históricos, naturais e socioculturais. Nosso objetivo é perceber como essas imagens, produzidas por câmeras, são fruto de uma imaginação enraizada em símbolos universais, chamados arquetipos. Para isso, adotamos uma hermenêutica simbólica da Antropologia do Imaginário, com abordagem qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental. Utilizamos a Arquetipologia para compreender o papel da criatividade e da imaginação na produção dessas imagens. Como material empírico, interpretamos quatro imagens de reportagens televisivas de 2007, 2017, 2020 e 2021 sobre a transposição do Rio São

Francisco, abordando protestos e celebrações das obras concluídas. O estudo mostrou que as imagens técnicas vão além de seu caráter funcional, desempenhando um papel central na criatividade simbólica. Esse processo resultou na compreensão de uma Ecologia das Imagens, na qual as representações visuais não apenas refletem, mas também moldam e são moldadas pelas dinâmicas biológicas, culturais e ecológicas.

Palavras-chave: Arquetipologia; Imagens técnicas; Ecologia das Imagens; Ecologia Humana.

Abstract: The images captured by cameras and media devices go beyond mere technical records; they reflect a collective imaginary shaped by political, historical, natural, and sociocultural factors. This study aims to analyse how these images, produced through media technology, are rooted in an imagination structured by universal symbols known as archetypes. To achieve this, we adopt a symbolic hermeneutic approach from the Anthropology of the Imaginary, employing a qualitative, descriptive, bibliographic, and documentary methodology. Archetypology is used to examine the role of creativity and imagination in the production of these images. As empirical material, we analyse four television reports from 2007, 2017, 2020, and 2021 on the transposition of the São Francisco River, addressing both protests and celebrations surrounding the completed projects. The study reveals that technical images transcend their functional aspect, playing a central role in symbolic creativity. This process led to the conceptualisation of an Ecology of Images, wherein visual representations do not merely reflect reality but actively shape and are shaped by biological, cultural, and ecological dynamics.

Keywords: Archetypology; Technical images; Ecology of images; Human Ecology.

INTRODUÇÃO

A inter-relação das imagens técnicas refere-se à maneira como elas são produzidas por tecnologias modernas, dialogando com temas universais presentes na imaginação humana. Para Vilém Flusser (1985), as imagens técnicas são aquelas criadas por meio de processos tecnológicos e máquinas, a exemplo de fotografias, vídeos e imagens digitais. Segundo o filósofo, essas imagens diferem das tradicionais (como pinturas e desenhos) por serem produzidas por meio de dispositivos técnicos, que automatizam parte do processo criativo e limitam a criatividade do indivíduo, ao restringi-lo às opções e programas embutidos na máquina.

Com base nessa perspectiva, estas representações capturadas por câmeras serão abordadas neste artigo como “imagens técnicas”, termo cunhado por Flusser em sua obra *Filosofia da Caixa Preta* (1985). No entanto, pressupomos que essas imagens, além de serem produtos de processos tecnológicos, possuem uma dimensão simbólica e não se limitam à materialidade; participando de um sistema complexo de significados que vai além do visível.

É nesse ponto que surge o conceito de Ecologia das Imagens resultado da junção entre dois campos do conhecimento: a Ecologia Humana, (EH) que estuda as interações entre os seres humanos e o ambiente natural (Park, 1915), e a Antropologia

do Imaginário (AI), que investiga como mitos, símbolos e arquétipos moldam percepções e construções culturais (Durand, 2012). Acreditamos que a integração desses campos revela um ecossistema dinâmico no qual as representações visuais resultam da interação entre fatores biológicos, simbólicos, ecológicos e socioculturais.

A palavra Ecologia vem do termo grego *oikos*, que significa casa e, segundo Haeckel (1866), remete à ideia de um ecossistema em que diferentes elementos coexistem e se inter-relacionam. A Ecologia das Imagens, assim, pode ser entendida como uma casa simbólica, um ambiente comum em que as representações habitam e interagem com o imaginário humano. Nesse espaço compartilhado, as imagens técnicas e simbólicas não apenas circulam significados, mas moldam ativamente nossa percepção das questões socioambientais, formando um ecossistema simbólico

Na sua obra, Flusser (1985) também discute o simbólico, em que o foco principal está na mediação tecnológica. O autor destaca que a tecnologia molda as imagens, que são criadas a partir de códigos predefinidos, e afirma que as imagens técnicas esvaziam significados, substituindo-os por uma nova simbologia alinhada à lógica das máquinas.

Durand (2012) aborda o simbólico de forma ampla, relacionando-o ao inconsciente coletivo, arquétipos e mitos universais. Enquanto Flusser (1985) foca nas influências das tecnologias contemporâneas, Durand (2012) explora as estruturas universais que sustentam a cultura humana.

Em nosso estudo, fundamentado na Antropologia do Imaginário (AI) e na Ecologia Humana (EH): documentários, fotografias e reportagens televisivas sobre a transposição das águas do Rio São Francisco desempenham um papel essencial, pois podem tanto reforçar quanto questionar as narrativas tradicionais associadas ao rio e à conservação ambiental. Nesse sentido, a “Ecologia das Imagens” vai além de considerar as imagens como simples registros técnicos ou documentais, permitindo-nos compreender como essas representações se entrelaçam com dinâmicas socioambientais.

Diante deste cenário, o artigo investiga como as imagens capturadas por câmeras transcendem sua função de meros registros técnicos, tornando-se expressões da imaginação criativa, profundamente enraizadas em conceitos e símbolos universais como arquétipos¹. Ao compreendermos como esses temas universais

¹ Segundo Carl G. Jung (2018), arquétipos são estruturas primordiais do inconsciente coletivo, representações universais de padrões de comportamento, ideias, e símbolos que emergem em mitos, sonhos e produções culturais. Eles moldam e influenciam a psique humana, sendo expressos em imagens e narrativas compartilhadas pela humanidade ao longo do tempo.

são retratados, buscamos preservar o patrimônio cultural, reconhecendo continuidades e inovações nas narrativas que integram essas representações. Ao descrevermos as imagens técnicas nas narrativas telejornalísticas, percebemos como temas universais, como a conexão com a natureza e a luta pela conservação ambiental, são reinterpretados e moldados pelos contextos socioculturais, políticos, históricos e ambientais que envolvem sua produção.

Selecionamos quatro reportagens televisivas, de 2007, 2017, 2020 e 2021, exibidas em telejornais brasileiros. Estas reportagens marcam momentos críticos na transposição do Rio São Francisco, com ampla cobertura midiática e debates públicos relevantes. Esses anos permitiram observar a manifestação de arquétipos e símbolos universais sobre o tema. A disponibilidade das reportagens em plataformas digitais também facilitou o acesso e permitiu uma compreensão detalhada das representações ao longo do tempo.

Em 2007, a greve de fome de Dom Luiz Flávio Cappio simbolizou a resistência às intervenções no Rio São Francisco. Por quase um mês, o religioso se alimentou apenas das águas do rio, expressando a profunda conexão das comunidades ribeirinhas com o Velho Chico. Em estado crítico, ele foi levado às pressas para um hospital da região, reforçando o peso simbólico e dramático de seu protesto.

Em 2017, a chegada das águas do Rio São Francisco à cidade de Monteiro, na Paraíba o primeiro município fora do percurso natural do rio a receber suas águas foi marcada por uma celebração simbólica, representando um momento de redenção e esperança após anos de embates e disputas. Esse evento ocorreu uma década após o protesto de Frei Cappio, carregando consigo simbolismos profundos de vitória e transformação para a região.

Nos anos de 2020 e 2021, as reportagens refletem um imaginário de desenvolvimento aliado à tecnologia, consolidando esses anos como marcos na demonstração de que o projeto não apenas deu certo, mas também vem mudando as paisagens físicas e simbólicas das comunidades beneficiadas.

Diante dessa perspectiva, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, descritiva, documental e bibliográfica, com foco na interpretação dos símbolos, mitos e arquétipos presentes nas imagens técnicas do telejornal. Utilizamos a hermenêutica simbólica da Antropologia do Imaginário (AI), que permite identificar não apenas os elementos materiais, mas também as camadas arquetípicas e sensíveis evocadas pelas representações midiáticas.

O estudo fundamenta-se na Arquetipologia, abordagem teórico-metodológica que possibilita interpretar os arquétipos e as imagens arquetípicas nas representações culturais. Além disso, a pesquisa dialoga com a Ecologia Humana,

investigando a vivência coletiva associada à transposição do Rio São Francisco e seus impactos socioambientais. Assim, busca-se revelar a interconexão entre o imaginário coletivo e as práticas ecológicas, evidenciando como as imagens televisivas constroem e reforçam narrativas simbólicas relacionadas ao rio e às transformações que ele representa para as comunidades envolvidas.

O artigo estrutura-se assim: primeiro, exploramos o diálogo entre as imagens das pulsões coletivas na (AI) e o conceito de imagens técnicas de Vilém Flusser (1985). Em seguida, destacamos o papel dos arquétipos na formação dos valores culturais e a importância dos regimes de imagens na criação de representações em diferentes contextos socioculturais e ambientais. Por fim, discutimos os resultados, que revelam um ecossistema simbólico — uma Ecologia das Imagens ligado ao trajeto antropológico de Durand (2012), em que o biopsicosocial se cruzam para dar sentido à vida humana.

O ENCONTRO ENTRE O TRAJETO ANTROPOLÓGICO E A ECOLOGIA DAS IMAGENS

A Ecologia das Imagens estabelece um diálogo direto com o trajeto antropológico proposto por Durand (2012), ao considerar que o imaginário humano se estrutura a partir de esquemas motores e sensoriais os *schèmes*, os quais evoluem para formas arquetípicas e simbólicas. Esses elementos não apenas moldam a percepção do mundo, mas também influenciam profundamente as formas de representação construídas pelas culturas. Nesse sentido, a Ecologia das Imagens se insere como uma continuidade desse percurso, ao investigar como tais estruturas simbólicas ganham expressão nas imagens produzidas e compartilhadas em contextos socioambientais.

Para Durand (2010), a experiência humana não se divide entre o biológico e o cultural, mas se constitui a partir de uma dinâmica integradora, na qual a percepção do mundo é sempre mediada por imagens que articulam corpo, cultura e meio ambiente. Sendo assim, o Trajeto Antropológico converge com a Ecologia das Imagens, pois ambas as ideias reconhecem que as imagens técnicas e arquetípicas não são meras representações estáticas, mas entidades vivas que interagem com as condições ecológicas, históricas e sociais.

A ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO E AS IMAGENS TÉCNICAS

As imagens audiovisuais presentes nas reportagens televisivas sobre temas ambientais assumem diferentes formas, seja promovendo a conservação e conscientização, seja para moldar a opinião pública de acordo com interesses específicos. Segundo Flusser (1985), as imagens técnicas são produzidas por aparelhos e máquinas, nas quais tanto o dispositivo quanto o operador desempenham papéis importantes na programação e no controle dessas imagens. Assim, para este filósofo a essência das imagens técnicas reside na mediação tecnológica, introduzindo um nível de abstração e previsibilidade que transforma nossa relação com o mundo, limitando a subjetividade e a criatividade humana.

Em um contexto mais amplo, Postman (2000), criador do conceito de Ecologia das Mídias, explora como os meios de comunicação, incluindo as tecnologias digitais, influenciam e moldam as percepções humanas. Relacionando essa perspectiva com a Ecologia das Imagens, compreendemos que essas mídias não apenas influenciam a maneira como nos conectamos com o ambiente, mas também interagem com dinâmicas simbólicas, sociais e ecológicas, moldando as relações das comunidades com a natureza.

A televisão e outros dispositivos digitais não apenas produzem e veiculam imagens, mas também moldam o contexto em que são consumidas (Thompson, 1995), influenciando como o público compreende e reage a diversos temas, incluindo os ambientais. Por conseguinte, é fundamental considerar o grande campo de estudo da Ecologia Humana, (Marques, 2012) que nos lembra que os seres humanos não existem isoladamente, mas em constante interação com seu ambiente natural/biológico e construído. Essa interação mediada por tecnologias revela uma complexa teia de relações que molda não apenas a percepção pública, mas também as práticas culturais e ambientais.

Como enfatiza Odum (1969), a humanidade, assim como qualquer outra espécie, está intrinsecamente ligada ao seu ambiente e depende dele para sustento, abrigo e inspiração. Essa interconexão indica que até mesmo os mecanismos técnicos participam de um processo dinâmico, em que razão e emoção se entrelaçam na produção e interpretação das imagens. Nessa linha, enquanto Flusser (1985) observa que as imagens técnicas tendem a ser limitadas e repetitivas devido à programação tecnológica, Durand (2012) propõe que fotografias e filmes podem ir além, expressando arquétipos e revelando a imaginação criativa.

Tais considerações reforçam o conceito de Ecologia das Imagens, para o qual existe um ecossistema simbólico, onde o arquétipo/simbólico e o técnico/material coexistem, configurando um espaço no qual as imagens não são apenas registros mecânicos da realidade, mas expressões do imaginário.

Segundo Maffesoli (2001), o imaginário "tudo contamina", indicando que nossa percepção do mundo é continuamente moldada por elementos míticos e simbólicos. Ao integrar o conceito de Ecologia das Imagens a essa discussão, observamos que fatores ambientais como condições climáticas adversas e dificuldades de acesso, influenciam diretamente a captura dessas imagens e, conseqüentemente, a produção de símbolos.

A ECOLOGIA DAS IMAGENS: UM ECOSISTEMA SIMBÓLICO

A Ecologia Tradicional estuda o *oikos*, ou seja, o ambiente natural em que vivemos, explorando as interações entre os seres vivos e seu *habitat* físico (Odum, 1953). No entanto, a Ecologia das Imagens, resultado dos estudos da (AI), (Durand, 2012) e do campo da Ecologia Humana (Park, 1915), estende esse conceito para o campo simbólico e cultural, em que o *oikos* não é apenas o espaço físico mas também um ambiente de significados, em que as imagens habitam e interagem

Além disso, a Ecologia das Imagens se vincula a uma abordagem fenomenológica, pois não se limita a uma classificação estruturalista, mas busca compreender a experiência das imagens em sua dimensão simbólica, cultural e perceptiva. Assim como a fenomenologia proposta por Husserl (2008) enfatiza a consciência e a experiência vivida, a Ecologia das Imagens parte da premissa de que as imagens não são meros registros técnicos ou representações estáticas, mas acontecimentos vivos, que se manifestam e se transformam conforme interagem com o olhar, a memória e o imaginário coletivo.

Essa relação direta com a fenomenologia se torna ainda mais evidente ao considerarmos que as imagens não são apenas captadas, mas experimentadas. Isto é, elas emergem em um processo de construção de sentido, que envolve tanto o sujeito que as percebe quanto o meio no qual estão inseridas. Nesse ponto, a Ecologia das Imagens se aproxima da fenomenologia da percepção desenvolvida por Merleau-Ponty (1945), ao reconhecer que a experiência das imagens é fluida e interativa, moldada pela relação entre corpo, técnica e ambiente.

Em outras palavras, a Ecologia das Imagens considera que as imagens não existem isoladamente, mas sim dentro de um ecossistema simbólico, no qual interagem com cultura, tecnologia, história e meio ambiente. A Ecologia das Imagens propõe então, que as imagens participam ativamente de redes de significação mais amplas, funcionando como elementos vivos dentro de um *oikos* simbólico, em que o imaginário, a técnica e as relações ecológicas se entrelaçam.

ARQUETIPOLOGIA E OS *SCHÈMES*: DESVENDANDO OS SÍMBOLOS E MITOS NA CULTURA

A Arquetipologia, perspectiva teórico-metodológica da Antropologia do Imaginário, investiga os arquétipos, que compõem a complexidade cultural. Baseia-se nas teorias de Jung (2018), que definiu os arquétipos como imagens e ideias universais do inconsciente coletivo, expressas por símbolos e mitos em diversas culturas.

Neste artigo, trabalhamos com o conceito de arquétipo conforme desenvolvido por Durand (1984), focando em como esses elementos emergem nas narrativas, rituais e tradições de uma cultura. Essas manifestações simbólicas revelam mais do que aspectos culturais superficiais; elas expõem padrões biopsicossociais que moldam como as sociedades enfrentam questões fundamentais, como identidade, espiritualidade e organização social. Nesse processo, o conceito de *schème* se destaca como um ponto de partida essencial para entender a imaginação, funcionando como uma ponte entre o biológico e o cultural.

Os *schèmes* e os arquétipos atuam como elementos simbólicos fundamentais, ligados às estruturas universais² da psique humana (Durand, 2012).

Enquanto os *schèmes* conectam os gestos básicos do corpo à organização simbólica da realidade, os arquétipos fornecem moldes estáveis que formam nosso imaginário. Esses elementos integram a psique e a biologia humanas, funcionando como alicerces simbólicos que dão sentido às imagens e sustentam a coesão social. Embora as imagens arquetípicas e os símbolos se adaptem às influências culturais e históricas, os arquétipos e *schèmes* permanecem como fundamentos universais, garantindo a continuidade e a ressignificação dos mitos e símbolos que moldam nossa percepção e interação com o mundo.

² Gilbert Durand, em sua reflexão posterior, passou a preferir o termo regimes em vez de estruturas, pois considerava que essa nomenclatura melhor refletia a dinâmica do imaginário. No entanto, o conceito fundamental permanece o mesmo "Tentei, num livro que já é velho porque tem vinte e cinco anos (foi editado há vinte, mas escrito muito antes), *Les Structures Antropologiques de l'Imaginaire*, tentei aí dar classificações certamente globais e brutais mas que funcionam bastante bem, ainda hoje. Por vezes lamento-o, mas funcionam. Tentei aí encontrar, encontrei, as modalidades, chamava-as então 'estruturas'¹ elas são mais modalidades, chamá-las agora 'regimes', mas não voltemos a questionar o título que hesitava entre a binaridade de dois regimes e a tríade de três grupos de estruturas. Agora, chamaria a tudo isso de 'regimes'..." (DURAND, Gilbert. Mito, símbolo e mitodologia. Lisboa: Presença, 1982, p. 79)

OS REGIMES DE IMAGENS

Para Durand (2012), as imagens são categorizadas em regimes distintos: heroico (diurno), místico (noturno) e dramático (noturno). O regime heroico, também chamado de regime diurno, é caracterizado por imagens de confronto, superação e ascensão, refletindo o esforço humano para afirmar-se e vencer desafios, lidando com a luta contra o tempo e a mortalidade. Na (EH), o regime heroico reflete a relação humana com o ambiente, em que a natureza é vista como um adversário a ser dominado. Nesse sentido, as imagens diurnas simbolizam tanto o esforço para superar limites pessoais quanto a luta para controlar o meio ambiente.

O regime místico, ligado ao regime noturno, está associado à introspecção, à unidade e à fusão com o cosmos, evocando a contemplação e símbolos de escuridão e profundidade. Na (EH), esse regime representa a busca por conexão e harmonia com a natureza, refletindo práticas e rituais que promovem uma relação simbiótica e sustentável com o ambiente.

O regime dramático, pertencente ao regime noturno, destaca tensões, conflitos emocionais, ambivalências e tragédias, abordando contradições de maneira interna e complexa. Em contraste com o regime diurno, que trabalha com polaridades mais explícitas, o regime dramático, ao ser relacionado à Ecologia Humana (EH), reflete os conflitos e dilemas que emergem das interações humanas com o meio ambiente e outras formas de vida, sugerindo uma visão complexa dessas relações.

Essas categorizações auxiliam na compreensão de como a imaginação humana dá sentido à experiência, utilizando diferentes tipos de imagens para lidar com a realidade e suas angústias existenciais. Gaston Bachelard (1966) complementa essa visão ao argumentar que a imaginação é o veículo através do qual a humanidade transcende a vida cotidiana, aventurando-se em direção ao novo, ao inesperado e ao surreal.

A interação entre razão, imaginação e ambiente nos regimes de imagens molda nossa percepção da realidade. Nesse ecossistema, símbolos e materialidades não estão dissociadas. Assim, as imagens adquirem novas camadas de significado com as transformações socioculturais e ambientais.

Por exemplo, um símbolo religioso pode ser venerado em uma cultura enquanto é visto com indiferença ou até contestado em outra. As alterações no ambiente social e natural - como mudanças climáticas, desastres ambientais ou transformações no uso da terra pode influenciar profundamente o significado

atribuído a determinadas imagens, alterando a maneira como elas são percebidas e reinterpretadas pelas culturas ao longo do tempo.

Ao relacionar os regimes de imagens de Durand (2012) com as interações entre humanos e ambiente, revela-se o papel simbólico central dos elementos naturais/ecológicos na vida das comunidades, moldando e sendo moldados por práticas sociais e imaginários. Durand (2012) categoriza essas imagens em três tipos principais.

Heroicas ou Esquizomorfias - As imagens heroicas ou esquizomorfias, segundo Durand (2012), estão associadas ao gesto postural, que expressa enfrentamento, resistência ou separação. Essas imagens refletem ideais de grandeza e heroísmo ou representam fragmentação e desintegração. No regime diurno, são organizadas para destacar ordem, controle e hierarquia, com representações claras entre opostos, como bem e mal ou vida e morte. Esse regime busca lidar com as angústias humanas por meio da diferenciação, estabelecendo coesão simbólica e estabilidade racional.

Na Ecologia das Imagens, as representações heroicas fazem parte de um ecossistema simbólico que reforça a coesão social e ambiental. O regime noturno integra opostos e contradições, acolhendo imagens de fusão e metamorfose. Assim, a Ecologia das Imagens interpreta essas representações como a coexistência e fluidez das realidades socioculturais e ambientais.

Dramáticas ou Sintéticas - As imagens dramáticas ou sintéticas estão ligadas ao gesto copulativo, que envolve a combinação de diferentes elementos (Durand, 2010). Essas imagens expressam tensões, conflitos e emoções intensas, capturando a essência da interação humana. No regime diurno, são apresentadas de forma clara e direta; no regime noturno, exploram a ambiguidade. Na Ecologia das Imagens, essas representações simbolizam as tensões e interações entre elementos socioambientais, refletindo dinâmicas emocionais e a convivência entre opostos.

Místicas ou Antifrásicas - conectadas ao gesto digestivo. As imagens místicas ou antifrásicas estão associadas ao gesto digestivo, que se refere ao processo de assimilação e transformação interna de experiências e significados. Essas imagens frequentemente abordam temas de transcendência, espiritualidade e interpretação subjetiva. Elas podem apresentar uma profundidade simbólica e uma transformação de significado que vai além da superfície. No regime noturno, essas imagens exploram aspectos ocultos e profundos da experiência humana, frequentemente ligadas à espiritualidade e ao inconsciente. A Ecologia das Imagens explora como imagens místicas ligadas ao gesto digestivo representam

a assimilação e transformação de experiências, refletindo introspecção e espiritualidade.

Todos esses agrupamentos de imagens refletem a essência da existência humana, especialmente no que diz respeito passagem do tempo e a finitude. Diante disso, as imagens técnicas, integradas aos diferentes regimes de percepção - diurno e noturno - desempenham um papel fundamental na construção de significados que ligam a natureza e a condição humana.

APRESENTAÇÃO DO CORPUS ANALÍTICO-INVESTIGATIVO: PRIMEIRAS LEITURAS

O corpus descritivo deste estudo foi composto por quatro reportagens televisivas veiculadas em 2007, 2017, 2020 e 2021, abordando a transposição do Rio São Francisco. A escolha dessas reportagens fundamenta-se na relevância histórica de cada ano, que representa momentos críticos e emblemáticos no desenvolvimento do projeto e suas consequências socioambientais. Esses períodos atraíram grande interesse da mídia, resultando em ampla cobertura televisiva que contribuiu para moldar o imaginário em torno do rio e da transposição.

A compreensão dessas reportagens permite observar como diferentes narrativas foram construídas e disseminadas ao longo dos anos, refletindo mudanças na percepção pública e nas questões socioambientais envolvidas.

A primeira reportagem³, exibida em 2007 pela TV Grande Rio, afiliada da Rede Globo no Sertão Pernambucano, no programa *GRTV Primeira Edição*, aborda o jejum realizado por Frei Luiz Flávio Cappio como forma de protesto contra a transposição das águas do Rio São Francisco. Essa reportagem destaca a resistência local, além dos aspectos simbólicos e religiosos envolvidos na luta contra a transposição.

A segunda reportagem⁴, de 2017, exibida pelo SBT Brasil, aborda a chegada das águas do Rio São Francisco à cidade paraibana de Monteiro, simbolizando a expansão do “Velho Chico” e trazendo promessas de progresso e desenvolvimento à região.

A terceira reportagem⁵, exibida em 2020 no telejornal *Brasil em Dia*, da Rede Brasil de Comunicação, trata da integração do Rio São Francisco como um

³ TV Grande Rio (2015), <https://www.youtube.com/watch?v=2OZLMIbtN7Y>.

⁴ SBT (2017), <https://www.youtube.com/watch?v=n-vp6PeixDs>.

⁵ TV Brasil (2020), Reportagem disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9jcWoeo-ROAE>.

fator de desenvolvimento no Ceará. A cobertura destaca as oportunidades de crescimento econômico e social proporcionadas pela transposição, reforçando a ideia de progresso regional.

Por fim, a última reportagem⁶, veiculada em 2021 pela Rede Bandeirantes de Comunicação, no *Jornal da Band*, evidencia os impactos positivos da transposição na produção de alimentos, reforçando a narrativa de benefícios socioeconômicos. As reportagens selecionadas, com duração entre 1m30s e 2m50s, servem como base para investigar como o telejornalismo constrói sentidos socioambientais e simbólicos. Segundo Becker (2005), a seleção de cenas, edição, palavras e tom narrativo moldam percepções e significados culturais, mostrando o telejornalismo como produtor de sentidos, além de mero transmissor de informações. Na sequência, as leituras das imagens extraídas das reportagens nos telejornais brasileiros.

FIGURA 1: FREI CAPPIO SENDO LEVADO AO HOSPITAL APÓS QUASE UM MÊS DE JEJUM CONTRA A TRANSPOSIÇÃO DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO



Fonte: TV Grande Rio, afiliada da Globo em Petrolina (PE), 2007.

A imagem selecionada (Figura 1) mostra o momento final do protesto de Frei Luiz Flávio Cappio, em novembro de 2007, contra a transposição do Rio São Francisco. Durante o ato, Cappio contou com o apoio de comunidades indígenas e alguns representantes políticos, unidos pela defesa dos povos tradicionais e da conservação ambiental. A imagem simboliza não só o fim de um ato de resistên-

⁶ BAND (2021), <https://www.youtube.com/watch?v=5d8Ggl-ihmM>.

cia, mas também a união de forças sociais e políticas em torno de uma causa coletiva pela justiça socioambiental.

A cena de Dom Luiz Flávio Cappio sendo levado na maca, após quase um mês de protesto contra a transposição do Rio São Francisco, carrega forte simbolismo, evocando o arquétipo do mártir e destacando sua dedicação e coragem ao sacrificar a saúde por uma causa maior. Ele surge como um herói cuja resistência moral permanece evidente, mesmo em sua vulnerabilidade física

O regime diurno do imaginário destaca a ação heroica de Dom Cappio, sua determinação em continuar lutando mesmo diante das adversidades. O regime noturno, por outro lado, revela sua fragilidade física, simbolizando a vulnerabilidade humana diante do caos, mas ainda carregando a força do sacrifício.

Com base na Ecologia das Imagens, essa descrição mostra como a imagem transcende a simples representação, tornando-se um agente simbólico que conecta o ser humano, a cultura e o meio ambiente. Nesse contexto, a Ecologia das Imagens ajuda a compreender como a figura de Dom Cappio ressoa nas dinâmicas socioculturais, destacando o sacrifício como um ato que denuncia o desequilíbrio ecológico e reforça a necessidade de ação coletiva para preservar o “*oikos*” o ambiente compartilhado.

FIGURA 2: IMAGEM DESTACA A ABUNDÂNCIA E A FORÇA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO A POUCOS METROS DA RESIDÊNCIA



Fonte: Sistema Brasileiro de Televisão - SBT/BRASIL, 2017.

A imagem (Figura 2) mostra a chegada das águas do Rio São Francisco à região de Monteiro, na Paraíba, como parte das obras de transposição, exibida pelo telejornal SBT Brasil, em 2017 e ressalta a água como símbolo de desenvol-

vimento e esperança, destacando o contraste entre o cenário árido do sertão e a vitalidade da água. A presença de uma casa simples próxima ao córrego simboliza a resistência das comunidades locais que enfrentaram a escassez hídrica por anos, evocando o arquétipo da resiliência e da esperança mesmo em condições adversas.

A casa torna-se símbolo de abrigo e continuidade, enquanto o contraste entre a aridez e a chegada das águas do São Francisco sugere transformação e renovação. No regime diurno, a água simboliza vida e esperança, revitalizando a terra; já no regime noturno, representa a dualidade de criação e destruição, refletindo o progresso com seus desafios ecológicos e sociais, exigindo conciliação e adaptação.

Sob a perspectiva da Ecologia das Imagens, essa intervenção não impacta apenas o ecossistema natural, mas também as dinâmicas culturais das comunidades que dependem dessas águas. A água, neste caso, é mais do que um recurso físico; ela carrega significados simbólicos profundos que influenciam a identidade coletiva, as práticas culturais e as relações sociais. Assim, a transposição da água pode tanto reforçar quanto desestabilizar o tecido social, exigindo uma gestão que considere as dimensões simbólicas e culturais das relações humanas com o meio ambiente.

FIGURA 3: CANAIS DA TRANSPOSIÇÃO LEVANDO AS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO PARA O ESTADO DO CEARÁ



Fonte: TV Brasil, 2020.

A imagem (figura 3) que exibe a legenda “Água no Sertão: integração do Rio São Francisco leva mais oportunidades de desenvolvimento ao Ceará”, extraída da reportagem exibida em 2020 no telejornal Brasil em Dia, da Rede Brasil, mostra os canais da transposição que levam as águas do Rio São Francisco ao Ceará. A reportagem, está disponível no *YouTube* e evidência a força do progresso e a promessa de desenvolvimento, mudando toda a paisagem.

A imagem dos canais construídos simboliza o arquétipo do progresso, representando a capacidade humana de transformar o ambiente para melhorar as condições de vida e promover o desenvolvimento. No regime diurno do imaginário, a imagem destaca a intervenção positiva na paisagem, com a água corrente simbolizando vida e prosperidade. Essa visão realça a vitória da tecnologia e do esforço humano sobre as adversidades naturais, evidenciando a transformação e a vitalidade da região

A imagem dos canais cheios de água transmite a ideia de que o progresso trouxe uma solução concreta para um problema antigo. No regime noturno do imaginário, essa imagem revela a dualidade e a fragilidade dessas grandes intervenções, lembrando os desafios e incertezas que podem surgir. Além de celebrar o progresso, a cena convida à reflexão sobre os impactos a longo prazo, destacando os benefícios imediatos para as comunidades e a necessidade de considerar as implicações ecológicas e sociais dos projetos.

Sob a perspectiva da Ecologia das Imagens, essa representação dos canais da transposição não é apenas um registro técnico da obra, mas parte de um ecossistema simbólico no qual o imaginário, a técnica e a natureza se interligam. A imagem das águas fluindo pelos canais ressignifica o espaço, inserindo-o em uma narrativa de progresso e superação. No entanto, ao mesmo tempo em que reforça a força transformadora da tecnologia, essa visualidade carrega consigo tensões e contradições, pois o impacto da transposição ultrapassa a dimensão física e se desdobra em significados culturais, históricos e ambientais.

A imagem dos campos verdes em meio ao solo árido (Figura 4), da reportagem exibida pelo Jornal da Band, em 2021, simboliza abundância, fertilidade e renascimento. Essa narrativa sugere que a natureza pode florescer mesmo em ambientes desafiadores, quando recebe recursos adequados. Nesse contexto, destaca-se a adaptação das comunidades humanas e a busca por equilíbrio entre suas necessidades e a preservação dos ecossistemas. Além disso, nesta leitura, a água do Rio São Francisco é retratada como um herói transformador, simbolizando a força vital que enfrenta e supera os desafios ambientais.

FIGURA 4: VISTA AÉREA DE ÁREAS VERDES EM CONTRASTE COM O ÁRIDO E DESÉRTICO CLIMA DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO



Fonte: Rede Bandeirantes de Comunicação – BAND, 2021

No regime diurno, a imagem das plantações verdes contrasta com o solo árido, simbolizando crescimento e esperança pela transposição das águas. No regime noturno, esse contraste reflete o conflito entre natureza e intervenção humana e mostra a tensão causada pela dependência da tecnologia para manter a produtividade, sugerindo que, sem a transposição das águas, a paisagem retornaria ao seu estado árido original.

Assim, a imagem revela a vulnerabilidade das comunidades que dependem da tecnologia e dos recursos hídricos para sobreviver e prosperar. Sob a ótica da Ecologia das Imagens, essa representação visual evidencia como as percepções sobre o meio ambiente são moldadas por símbolos e mitos, inserindo a transposição das águas em um imaginário coletivo que oscila entre a celebração do progresso e a consciência de sua fragilidade. A coexistência entre o verde das plantações e o solo árido não apenas ilustra os efeitos concretos da intervenção, mas também expressa a dinâmica simbólica entre abundância e escassez, continuidade e ruptura, consolidando a transposição como um marco tanto material quanto imaginário na relação entre sociedade e ambiente.

A INTER-RELAÇÃO DAS IMAGENS TÉCNICAS E A PRODUÇÃO SIMBÓLICA EM PAUTAS SOCIOAMBIENTAIS

De acordo com as teorias da Ecologia Cultural, como exploradas por Steward (1955), a relação simbiótica entre seres humanos e seu ambiente é essencial para entender a adaptação cultural e social em contextos de transformação ambiental. Nesse sentido, as imagens interpretadas evocam arquétipos como o mártir, o herói transformador, e o progresso, que ressoam com o imaginário coletivo, conferindo uma dimensão simbólica as narrativas do telejornal.

Já a análise dos regimes de imagem, conforme proposto por Durand (2012), nos permite perceber como essas imagens técnicas operam dentro de diferentes perspectivas. No regime diurno, as imagens enfatizam a luz, a esperança e o progresso, destacando as conquistas humanas e os benefícios trazidos pela transposição. Esta abordagem reflete uma visão otimista, alinhada às representações heroicas ou sintéticas, que lidam com ideais de grandeza e a coesão aparente das realizações humanas.

No regime noturno, as imagens evocam a dualidade, a fragilidade e as incertezas que permeiam as intervenções humanas, refletindo a complexidade e as ambiguidades inerentes aos projetos de grande escala. Esse regime nos lembra dos desafios e responsabilidades que surgem quando se tenta equilibrar progresso e conservação. As imagens acolhem a tensão entre opostos - criação e destruição, segurança e risco -, sugerindo que nossa relação com essas intervenções não é simples, mas marcada por uma aceitação de nossas vulnerabilidades e uma visão fragmentada e fluida da realidade. Aqui, as imagens dramáticas ou esquizomorfias expressam a complexidade e a desintegração, refletindo as preocupações com a sustentabilidade e as implicações a longo prazo dessas intervenções tecnológicas.

Nesse contexto, a Ecologia Humana contribui para a compreensão dessas imagens ao destacar a interdependência entre o ambiente natural e as ações humanas. Em todo contexto, em que a pesquisa se insere, é crucial reconhecer não apenas o papel da subjetividade humana na composição dessas imagens técnicas, mas também as interações complexas que envolvem fatores biológicos e sociais. Para Flusser (1985), as imagens técnicas, como fotos e vídeos, não são meros reflexos da realidade, mas construções culturais carregadas de intenções e ideologias. Complementando essa visão, Durand (2010) explora o imaginário como um campo em que símbolos emergem, organizando e estruturando nossa percepção e com-

preensão do mundo. Juntas, essas perspectivas destacam a profundidade cultural e simbólica das imagens, que vão além da representação objetiva.

No entanto, a principal diferença entre os autores reside no foco de suas análises. Flusser (1985) concentra-se nas imagens técnicas e na maneira como a tecnologia molda a produção e a interpretação dessas na era contemporânea, em que o advento da fotografia, do cinema e da mídia digital transformou radicalmente como as imagens são criadas e consumidas, exigindo uma nova forma de entender e interagir com elas.

Já Durand (1988) compreende as imagens como uma organização antropológica universal, manifestada por símbolos e arquétipos. Considerando tanto a influência tecnológica destacada por Flusser (1985) quanto as estruturas arquetípicas exploradas por Durand (1988) e os conceitos da Ecologia Humana, a Ecologia das Imagens surgiu como uma perspectiva integrada, reconhecendo que as imagens operam em uma rede complexa de significados, um ecossistema único que entrelaça o contemporâneo e o atemporal, o técnico e o simbólico.

O Antropólogo Ingold (2002) argumenta que a percepção humana é moldada tanto por fatores objetivos, quanto subjetivos. Assim, embora as câmeras e outras ferramentas sejam utilizadas para capturar imagens objetivas, a escolha dos ângulos, filtros e enquadramentos é feita por seres humanos, imbuindo cada imagem com uma camada de vários elementos arquetípicos.

A intersecção entre razão e sensibilidade revela que, por trás das tecnologias, há intenções que moldam a representação dos eventos. A Ecologia das Imagens surge como um ecossistema simbólico essencial à espécie humana, onde traços genéticos e ambientais se cruzam com o cultural e a tecnologia para produzir sentidos complexos. Nesse espaço vital, as interações visuais e simbólicas refletem e influenciam as percepções humanas, reforçando as conexões entre nosso imaginário coletivo e o mundo natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ecologia das Imagens, como proposta neste estudo, surge da intersecção entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário, revelando um ecossistema simbólico em que o técnico/material e o cultural/ biológico se encontram e se influenciam mutuamente. Ao longo desta pesquisa, constatamos que as representações visuais, como transmitidas pelo telejornalismo, com temas ambientais não são meros registros técnicos, mas expressões complexas que carregam significados profundos, moldados por fatores socioculturais, históricos e ecoló-

gicos, em que o telejornal desempenha um papel central na construção dessas imagens e na disseminação de narrativas que moldam a percepção pública sobre temas socioambientais.

A junção dessas abordagens (simbólica e material) permite entender como as imagens técnicas, longe de serem neutras, se tornam veículos de narrativas que refletem tanto as interações humanas com o ambiente, quanto as estruturas arquetípicas que dão significado a vida. Nesse sentido, a Ecologia das Imagens amplia o olhar para além da análise cartesiana positivista, integrando o simbólico e o imaginário às discussões sobre sustentabilidade, cultura e sociedade.

Em um mundo mediado por imagens, os estudos do imaginário são essenciais para compreender como as representações culturais carregam profundidade simbólica e influenciam as relações das comunidades com o meio ambiente. A Ecologia das Imagens, ao integrar essas dimensões simbólicas e culturais, ajuda a promover uma conexão mais consciente com a natureza. Em tempos de crise ambiental, essa abordagem é especialmente relevante, pois imagens de desastres, heróis ecológicos ou intervenções em lagos e rios não apenas moldam percepções, mas também influenciam atitudes e políticas ambientais.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- Bachelard, G. (1966). *A formação do espírito científico*. Contraponto.
- Becker, B. (2005). *A linguagem do telejornal: Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*. Editora E-papers.
- Durand, G., Godinho, H., & Jabouille, V. (1982). *Mito, símbolo e mitologia*.
- Durand, G. (1984). *Mito, símbolo e mitologia*. Presença.
- Durand, G. (1988). *A imaginação simbólica*. Editora Cultrix.
- Durand, G. (2010). *O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Difel.
- Durand, G. (2012). *As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução à arquetipologia geral*. Martins Fontes.
- Flusser, V. (1985). *A filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Hucitec.
- Haeckel, E. H. (1866). *Generelle Morphologie der Organismen: allgemeine Grundzüge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformierte Descendenz-Theorie (Vol. 2)*. Verlag von Georg Reimer.
- Husserl, E. (2008). *A Idéia da Fenomenologia* (trad. Artur Mourão). Lisboa–Portugal: Edições, 70.

- Ingold, T. (2002). Culture and the perception of the environment. In *Bush base, forest farm* (pp. 38-56). Routledge.
- Jung, C. G. (2018). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo (Vol. 9/1)*. Editora Vozes.
- Maffesoli, M. (2001). O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, (15), 74-81.
- Marques, J. (2012). *Ecologia da alma*. Franciscana.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Gallimard.
- Odum, E. P. (1969). The strategy of ecosystem development: An understanding of ecological succession provides a basis for resolving man's conflict with nature. *Science*, 164(3877), 262-270.
- Park, R. E. (1915). The city: Suggestions for the investigation of human behavior in the city environment. *American Journal of Sociology*, 20(5), 577-612.
- Postman, N. (2000). The humanism of media ecology. *Proceedings of the Media Ecology Association*, (1), 10-16.
- Rede Bandeirantes de Comunicação - BAND. (2021). *Produção de alimentos aumenta com transposição do Rio São Francisco* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=5d8Ggl-ihmM>
- Sistema Brasileiro de Televisão - SBT. (2017). *Água da transposição do Rio São Francisco chega ao sertão nordestino* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=n-vp6PeixDs>
- SBT. (2017). *Água da transposição do Rio São Francisco chega ao sertão nordestino - SBT Brasil* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=n-vp6PeixDs>
- Steward, J. H. (1955). *Theory of culture change: The methodology of multilineal evolution*. University of Illinois Press.
- Thompson, J. B. (1995). *The media and modernity: A social theory of the media*. University Press.
- TV Brasil. (2020). *Água do Velho Chico chega ao Ceará* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=9jcWoeoROAE>.
- TV Grande Rio. (2015). *Greve de fome* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=2OZLMlbtN7Y>.